

A DECIFRAÇÃO DE UM ENIGMA: O TÍTULO “ESMERALDO DE SITU ORBIS” (1).

O título da célebre obra de Duarte Pacheco Pereira é composto pela palavra **Esmeraldo** e pela expressão **De Situ Orbis**. A compreensão da expressão **De Situ Orbis** não apresenta a mínima dificuldade. Todos os autores que abordaram o assunto foram unânimes em considerar que se trata do título da obra geográfica de Pompônio Mela, citada aliás uma trintena de vêzes por Duarte Pacheco Pereira, e que é, com a **História Natural** de Plínio, uma das suas duas fontes fundamentais. Outro tanto não poderemos dizer da primeira parte do título, a palavra **Esmeraldo**, sôbre a decifração da qual mais de meia dúzia de teses foram até agora elaboradas sem que a unanimidade se tenha feito sôbre nenhuma delas.

Começaremos pela exposição das teses apresentadas por Santos Ferreira (2), George H. T. Kimble (3), e José Dentinho (4), por nos parecer que em nada contribuem para a resolução do problema, ainda que a dêste último tenha sido a que até agora reuniu adesões mais entusiásticas (5).

- (1). — Com êste mesmo título publicámos uma versão abreviada dêste artigo, no Suplemento Semanal do *Diário de Lisboa*, “*Vida Literária e Artística*” (Lisboa, 23 de maio de 1963). Esta versão abreviada constitui ainda a primeira parte do artigo *Esmeraldo de situ orbis*, do *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Volume II, Lisboa, 1964.
- (2). — Major Santos Ferreira e Antônio Ferreira Serpa: *Salvador Gonsalves Zarco — (Cristóbal Colón) — Os livros de D. Tivisco*, 1930, págs. 44-47. Ver também, Arthur Lobo D’Ávila e Saul Santos Ferreira: *Cristóbal Colón — Salvador Gonsalves Zarco, Infante de Portugal*, Lisboa, 1939, págs. 52-56.
- (3). — George H. T. Kimble, “*Esmeraldo de situ orbis*” by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, Introduction, págs. XVII-XVIII.
- (4). — José Dentinho, “*Esmeraldo de situ orbis*” por Duarte Pacheco Pereira. Da significação de “*Esmeraldo*”. (*Diário de Lisboa*, 21 de julho de 1949).
- (5). — Quando da publicação da versão abreviada dêste artigo no *Diário de Lisboa*, o Professor José Dentinho publicou neste mesmo *Diário* duas notas sôbre o assunto (6-VI-63 e 27-VI-63). Não lhe respondemos então por nos parecer que as referidas notas nada alteravam ao meu artigo e às minhas conclusões, tendo-se limitado o Professor José Dentinho a expor de nôvo e de maneira abreviada a sua tese. Continuamos, passado um

Santos Ferreira apresenta-nos, entre tôdas, a tese mais imprevista, pois através de conjecturas que podemos classificar de delirantes, depois de nos dizer que Cristóbal Colón não existiu (!!!) pois “Cristóbal Colón era na realidade Salvador Gonsalves Zarco” (!!!), associa êste último à redação da obra de Duarte Pacheco Pereira!!! Para Santos Ferreira, Duarte Pacheco Pereira sabia hebraico (!!!...), e teria escrito as palavras hebraicas que corresponderiam a **com** ou **em companhia de Salvador da Madeira**. As letras das palavras hebraicas corresponderiam, lidas da direita para a esquerda, as letras **E M S L O D R A E**, tendo com elas formado fãcilmente Duarte Pacheco Pereira a palavra **ESMERALDO**, nome que antepôs ao título **De Situ Orbis** do seu livro (6).

George H. T. Kimble dá-nos a conhecer uma sugestão que lhe teria sido feita pelo Dr. George Sheppard e que lhe teria dado a solução do enigma: existiria uma analogia filológica entre a palavra **Esmeraldo** e a palavra espanhola **esmerado** que significaria **guia**. E, na verdade, o **Esmeraldo de situ orbis** é por excelência um guia para a navegação.

Foi em vão que procurámos nos dicionários de língua espanhola a palavra **esmerado** com a significação que lhe dão o Dr. George Sheppard e George H. T. Kimble. No **Primer Diccionario General Etimológico de la Lengua Española** (7) de D. Roque Bárcia, ou no **Diccionario de la Lengua Española** da Real Academia Española (8), lemos: **Esmerado, da. Adjectivo. Lo echo y ejecutado con esmero. Em esmero, lemos: Esmero. Masculino. Sumo cuidado y atencion diligente en hacer las cosas con perfeccion**. Se quisermos admitir, por absurdo, a existência de uma gralha na impressão da obra de George H. T. Kimble, e admitindo que no lugar de **esmerado** se deveria ler **esmeraldo**, ainda assim a tese de George H. T. Kimble não se torna mais compreensível, pois verificamos que o substantivo **esmeraldo** não existe na língua espanhola no masculino. Existe

ano, e já noutras paragens, pensando da mesma maneira, fato êste que nunca alterou nem altera a profunda estima e admiração que temos pela personalidade do Professor José Dentinho.

- (6). — A tese de Santos Ferreira é exposta e criticada por Armando Cortesão, **Cartografia e Cartógrafos Portuguezes dos Séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)**, Volume II, Lisboa, 1935, págs. 106-107.
- (7). — D. Roque Bárcia, **Primer Diccionario General Etimológico de la Lengua Española**, Volume II, Madri, 1881.
- (8). — Real Academia Española, **Diccionario de la Lengua Española**, Madri, Décima Quinta Edición, 1925.

sim, o nome próprio **Esmeraldo**, ou então o substantivo feminino: **Esmeralda**. **Femenino**. **Piedra preciosa transparente, formada de cuarzo verde**. Em conclusão: a explicação de George H. T. Kimble deve ser posta de lado porque se funda num sentido errôneo da palavra espanhola **esmerado**.

Para José Dentinho, Duarte Pacheco Pereira propôs-se estudar o mar ao longo da costa, a natureza dos fundos, as marés, etc. Ora sendo a **Esmeralda** uma pedra preciosa, côr verde-mar, a palavra **Esmeraldo** é empregada em vez de **marítimo**, para tudo o que diz respeito ao mar. Havendo no **orbis** (globo terrestre) vários **situs** (lugares), de que **situs** se propõe tratar Duarte Pacheco Pereira? Se **Esmeraldo** fôsse um substantivo, nada esclareceria. A expressão ficaria mesmo incompleta, se **Esmeraldo** não qualificasse justamente **situ**, indicando a que **situs** o autor se refere. Não querendo modificar o título latino da obra, Duarte Pacheco Pereira latinizou muito simplesmente e muito corretamente a palavra portuguesa **esmeralda** em **Esmeraldus**, não como substantivo, mas como adjetivo. Para José Dentinho trata-se de um caso normal de latinização. **Esmeraldo de situ orbis** (com a preposição intercalada, o que é freqüente em latim) significa muito simplesmente: acêrca do lugar verde-mar do orbe, ou acêrca do mar do globo terrestre.

Na nossa opinião a explicação de José Dentinho levanta uma só dificuldade, mas esta parece-nos que intransponível: a não existência da palavra **Esmeraldus** em latim. Com efeito, a palavra latina **Smaragdus** daria quando muito **Smaragdo** e nunca **Esmeraldo** (9).

(9). — Vieira de Almeida (*Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 92-93), Damião Peres (*Anotações Históricas à edição do Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira da Academia Portuguesa da História*, Lisboa, 1954-1955, págs. 211-212), e Vitorino de Magalhães Godinho (*Fontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Saara e Guiné*, na *Revista de História*, São Paulo, n.º 13, janeiro-março de 1953, pág. 64), referem-se à tese de José Dentinho. Vieira de Almeida limita-se a exprimir a opinião de que a tese em questão é particularmente sugestiva. Damião Peres expõe a tese de José Dentinho sem o menor comentário. Finalmente, Vitorino de Magalhães Godinho aceita-a sem restrições: o **Esmeraldo de situ orbis**, ou melhor, o **de situ esmeraldo orbis** — do lugar verde, ou marítimo do orbe, segundo a feliz interpretação que o Dr. José Dentinho dá de um enigma que resistiu longos anos aos mais penetrantes investigadores. São bem significativas desta preferência de Vitorino de Magalhães Godinho as duas referências que recentemente fez à tese de José Dentinho: *História dos Descobrimentos de Duarte Leite*, Lisboa, 1959, Vol. I, pág. 490; e, *A Economia dos Descobrimentos Henriques*, Lisboa, 1962, pág. 162.

Restam-nos finalmente, Pedro de Azevedo (10), Epiphânio da Silva Dias (11), Luciano Pereira da Silva (12), e Lindolfo Gomes (13), autor de duas teses, uma das quais tem, acrescentando-lhe algo mais, o nosso favor. Façamos entretanto um breve parêntese para nos inteirarmos da tese de Lindolfo Gomes que não tem o nosso favor.

Na segunda parte de um artigo onde é muito menos feliz do que na primeira, Lindolfo Gomes é o único autor que exprime a opinião segundo a qual **Esmeraldo** seria uma expressão e não uma palavra. Segundo Lindolfo Gomes, na palavra **esmeraldo**, sem nenhuma transposição de caracteres, poderíamos ler a frase **es (ex) -m'eraldo**, isto é, **eis-me heraldo (pregoeiro)**. **Ex** era a forma arcaica de **eis** (V. **Dic. da Antiga Linguagem Portuguesa**, de Brunswick, p. 123). **Ex** podia-se representar por **es**, tendo em vista a pronúncia portuguesa, como em **ex-presidente**. Quanto a **Arauto** e **heraldo**, são palavras registradas no **Nôvo Dicionário** de Cândido de Figueiredo. **Heraldo** sem **h** era da escrita da época. Desta maneira, **Esmeraldo de situ orbis** significaria: **Eis-me (Pacheco) pregoeiro do que existe no mundo desconhecido**.

Agostinho de Campos (14) critica a hipótese de Lindolfo Gomes afirmando que nunca em português se pronunciou **esmeraldo** como se escrevessemos **êsmeraldo** ou **eismeraldo**, pois a pronúncia portuguesa é **ismeraldo**. A idéia de Lindolfo Gomes em ler **eis-me eraldo** em **esmeraldo** corresponderia muito

-
- (10). — Pedro de Azevedo, O significado do “Esmeraldo de situ orbis”, no Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, Volume XIX, 1925, págs. XXI-XXVI.
- (11). — Epiphânio da Silva Dias, “Esmeraldo de situ orbis” por Duarte Pacheco Pereira, no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1903-1904, Intradução, págs. 181-182. Esta edição do Esmeraldo foi publicada em livro, em 1905; ver sobre este assunto, págs. 4-5.
- (12). — Luciano Pereira da Silva, O “Esmeraldo” de Duarte Pacheco — Razão deste título, nos Anais das Bibliotecas e Arquivos, Volume I, Lisboa, 1920. Este estudo voltou a ser publicado integrado em trabalho mais geral: Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral, na História da Colonização Portuguesa do Brasil, Volume I, Pôrto, 1921. Ambos foram ainda publicados nas Obras Completas de Luciano Pereira da Silva, Volume II, Lisboa, 1945.
- (13). — Lindolfo Gomes: O “Esmeraldo” de Duarte Pacheco, no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1937, ou nas Publicações do Congresso do Mundo Português, Volume XI, Tomo III, 2a. secção, 2a. parte, Lisboa, 1940, págs. 357-360. Após a primeira publicação no Jornal do Brasil, Agostinho de Campos expôs e comentou as teses de Lindolfo Gomes no seu Glossário (de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita atual), Lisboa, 1938, págs. 120-122.
- (14). — Ver o Glossário de Agostinho de Campos citado na nota anterior.

mais justamente à pronúncia brasileira do que à pronúncia portuguesa.

A crítica de Agostinho de Campos não nos parece tão convincente quanto à primeira vista possa parecer, pois não está de modo algum excluída a hipótese de que a pronúncia brasileira atual não seja a do português do século XVI, e assim **êsmeraldo** ou **eismeraldo** poderia muito bem ter sido a fonética do português de Portugal nos tempos de Duarte Pacheco Pereira. A razão porque não aceitamos esta hipótese de Lindolfo Gomes está apenas no fato de a considerarmos demasiado engenhosa, demasiado complicada, sobretudo se tivermos em conta a explicação simples, direta, a que chegaremos nas próximas linhas, ainda com o precioso auxílio do mesmo Lindolfo Gomes (15).

Vejamos agora as teses de Luciano Pereira da Silva, Pedro de Azevedo, e Epiphany da Silva Dias; e finalmente a de Lindolfo Gomes e o algo mais que a esta falta.

Para Luciano Pereira da Silva a palavra **Esmeraldo** é um anagrama formado pelas letras de dois nomes: o do rei, **Manuel**, a quem a obra é dedicada, e o do autor do livro, **Duarte**. Para satisfazer às necessidades do anagrama, Luciano Pereira da Silva lembra-nos que existiam na língua portuguesa duas outras formas para **Duarte**: **Duardos** e **Eduardo**, e ainda a forma latinizada, **Eduardus**. Por sua vez, **Manuel** tomaria a forma **Emmanuel**. E nada mais havia a fazer do que formar o anagrama **Esmeraldus** com as letras de **Emmanuel** e de **Eduardus**. Sendo a obra escrita em português nada mais natural que Duarte Pacheco Pereira escrevesse **Esmeraldo**, em vez de **Esmeraldus**, como se escreveria **Eduardo** em vez de **Eduardus**. Assim, **Esmeraldo de situ orbis** significaria, segundo Luciano Pereira da Silva, o nôvo tratado **De Situ Orbis** — do orbe desconhecido dos geógrafos antigos — escrito pelo português Duarte e dedicado a Manuel, o rei de Portugal.

A tese de Luciano Pereira da Silva é indefensável, pois as letras que compõem os dois nomes, o do rei e o do autor da obra, são demasiado numerosas para formar a palavra do título: sobram nada menos que sete letras. No entanto, parece-nos admirável a intuição de Luciano Pereira da Silva

(15). — Ferdinand Denis, (*Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Netto*, pág. 51) chamou à obra de Duarte Pacheco Pereira, **Esmeraldo do mar, de situ orbis**. Armando Cortesão, (*Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI — Contribuição para um estudo completo — Volume II*, Lisboa, 1935, págs. 106-107) comenta desfavoravelmente esta li-berdade de Ferdinand Denis.

quando afirma que o nome do autor do **Esmeraldo de situ orbis** se incluía no título. Veremos até que ponto assim é ao expormos a tese de Lindolfo Gomes e o algo mais que a esta falta (16).

Segundo Pedro de Azevedo, **Esmeraldo** era um nome italiano que se teria divulgado na ilha da Madeira no século XVI. Lembra-nos Pedro de Azevedo **Santo Esmeraldo** martirizado em 303, e **Smaragdo** ou **Smaraldo**, exarca da Itália em 585 e 602. Também entre os manuscritos visigóticos recolhidos pelo Padre Garcia Villada na **Paleografia Española** se podem ver três manuscritos relativos a comentários sôbre a regra de São Benedito cujo autor é um **Smaragdus**. Por outro lado — sempre segundo Pedro de Azevedo — sabemos que o dito **Smaragdus de Ardón**, morto em 830, escreveu uma **explicatio in evangelia et epistolas**, uma **via regia** para um príncipe da casa de França, e um comentário sôbre a **ars Donati**. A especialidade de **Smaragdus** consistia pois nas explicações e comentários. Daí a razão do título do **Esmeraldo**, segundo Pedro de Azevedo: o livro de Duarte Pacheco Pereira seria um comentário e uma explicação do Mundo, não no sentido que lhe dá Pompônio Mela, mas no sentido do Orbe tal como o conheciam os portugueses do início do século XVI.

Pedro de Azevedo tem para nós o mérito — veremos porquê um pouco mais adiante — de se ter lembrado do célebre **Esmeraldo** da ilha da Madeira que êle diz ser um nome italiano, genovês na origem segundo Gaspar Fructuoso nas **Saudades da Terra** (17). Em tôdas as demais conjecturas e na própria con-

(16). — Pode ver-se a exposição, e nalguns casos a crítica, da tese de Luciano Pereira da Silva, nas seguintes obras: Robert Ricard, *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIe. siècle d'après les instructions nautiques portugaises*, in *Hespéris*, Paris, 1927, 2e. Trimestre, pág. 227; Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portuguezes dos Séculos XV e XVI* (Contribuição para um estudo completo), Volume II, Lisboa, 1935, págs. 106-107; George H. T. Kimble, "Esmeraldo de situ orbis" by Duarte Pacheco Pereira, Londres, 1937, págs. XVII-XVIII; Vieira de Almeida, *Decadência do Império Português no Oriente*, na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300; Vieira de Almeida, *Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 89-93; José Dentinho, "Esmeraldo de situ orbis" por Duarte Pacheco Pereira. Da significação de Esmeraldo, no *Diário de Lisboa* de 21 de julho de 1949; Damião Peres, *Anotações Históricas à edição do Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira da Academia Portuguesa da História*, Lisboa, 1954-1955, págs. 209-212.

(17). — *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Fructuoso (História das Ilhas do Pôrto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens)*, Manuscrito do Século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, 1873; ver referências a João Esmeraldo nas págs. 85, 95, 171, 173, 197 e 255. O autor desta edição, Álvaro Rodrigues de Azevedo, em nota da pág. 521, afirma.

clusão, a sua tese parece-nos que em nada contribui para a solução do enigma (18).

Para Epiphanio da Silva Dias, cuja tese é apresentada a título de hipótese, a explicação poderia estar no título do tratado de geografia e de história natural de um escritor árabe da primeira metade do século XIV, Ibn-al-Wardi, obra muito conhecida no seu tempo, e que se intitulava **Pedra preciosa das maravilhas e Pérola das coisas memoráveis**. Epiphanio da Silva Dias não considera como coisa impossível que Duarte Pacheco Pereira tenha dado à sua obra geográfica o nome de uma pedra preciosa, a **esmeralda**, empregando a palavra, não com a terminação português ou castelhana, mas com a terminação italiana **smeraldo**.

Não aceitamos como suficiente a explicação avançada, em termos de hipótese, por Epiphanio da Silva Dias (19), mas consideramos, com Lindolfo Gomes que ela talvez contenha uma parcela da verdade. Duarte Pacheco Pereira, como Ibn-al-Wardi e muitos outros, teria sido seduzido pela idéia de ligar o título da sua obra a uma pedra preciosa, que para o seu caso foi a **esmeralda**. E por que a **esmeralda**? Lindolfo

que João ou Joaím Esmeraldo não era genovês, como diz Gaspar Fructuoso, mas sim flamengo, tendo chegado à Ilha da Madeira em 1480. — Na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (Lisboa-Rio de Janeiro), lemos: “Esmeraldo” Geneal. Provém esta família de França, da província do Artois. No reinado de D. Manuel I passou a Portugal João Esmeraldo, que foi fidalgo da sua casa e morou na Ilha da Madeira. Em 1508 se lhe passou, em Malines, carta de brasão de armas, que apresentou em Portugal, as quais lhe foram confirmadas por carta datada de Évora, 16-V-1520. Provou, para tal fim, descender dos Esmeraldos, dos de Levargua, da casa de Fimes e dos senhores de Norduchel, linhagens antigas e nobres da Picardia, Flandres e Brabante. Este João Esmeraldo, chamado o Velho, para se distinguir de um filho de nome igual, casou-se com Águeda de Abreu, instituindo ambos, em 1522, o morgado dos Esmeraldos, no Funchal, que ele acrescentou em 1527. A sua descendência conservou-se nas ilhas, vivendo distintamente...”. Ainda nesta mesma Enciclopédia, lemos: “Esmeraldo (João). Nobre francês que vivia na Ilha da Madeira no século XV, ali tendo adquirido fartos terrenos a Rui Gonçalves da Cunha. Recebeu Cristóvão Colombo, quando este foi à Madeira”.

- (18). — A tese de Pedro de Azevedo é exposta sem comentários por Damião Peres nas Anotações Históricas à edição do Esmeraldo de situ orbis da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1954-1955, págs 210-211.
- (19). — Pode ver-se a exposição e a crítica da tese de Epiphanio da Silva Dias, nas seguintes obras: Vieira de Almeida, *Decadência do Império Português no Oriente*, na História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300; Vieira de Almeida, *Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 89-93; George H. T. Kimble, “Esmeraldo de situ orbis” by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, págs. XVII-XVIII; José Dentinho, “Esmeraldo de situ orbis”, por Duarte Pacheco Pereira. Da significação de Esmeraldo, no Diário de Lisboa de 21 de julho de 1949.

Gomes esclarece-nos quando diz que a **esmeralda** (em italiana **smeraldo**) na Índia diz-se **pachec**, como se pode ver nos **Colóquios dos Simples e Drogas da Índia** de Garcia de Orta: “**Esmeralda em pérsio e em língua desta terra (Índia) se chama pachec...**” (20). Assim, segundo Lindolfo Gomes, “tendo viajado pela Índia, Duarte Pacheco não poderia desconhecer que a **esmeralda** naquela região se denominava **pachec**” (21). Duarte Pacheco Pereira teria preferido a forma italiana por causa da terminação em **o**, letra pela qual acabam em geral, na língua portuguesa, todos os nomes masculinos, e em particular o seu próprio nome, Pacheco.

Esta explicação de Lindolfo Gomes impõe-se, quanto a nós, pela sua simplicidade (22). Mas algo lhe falta. Em nossa opinião falta explicar de maneira válida a preferência de Duarte Pacheco Pereira pela forma italiana. Já Epiphânio da Silva Dias, depois Pedro de Azevedo, e agora Lindolfo Gomes, tropeçaram com a forma italiana **smeraldo**. Consideramos mesmo significativo o fato de vários autores terem esbarrado com a mesma dificuldade. Por que se teria lembrado Duarte Pacheco Pereira da forma italiana? Talvez estejamos em situação de o explicar se acrescentarmos a tudo o que foi dito, o seguinte: 1) sabemos que as fontes mais importantes da obra de Duarte Pacheco Pereira são o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela e a **História Natural** de Plínio; 2) sabemos que o último livro da **História Natural** de Plínio, o Livro XXXVII, tem vários capítulos dedicados às **esmeraldas**, pedras preciosas; 3) sabemos que Duarte Pacheco Pereira leu, e utilizou na redação da sua obra, a **História Natural** de Plínio na tradução italiana de Christophoro Landino, publicada em Veneza em 1476

(20). — Garcia de Orta, **Colóquios dos Simples e Drogas da Índia**, edição publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Lisboa, 1891, pág. 220. Lindolfo Gomes cita este texto dos **Colóquios** pela edição de Varnhagen, f. 167v.

(21). — Na verdade, Duarte Pacheco Pereira, acompanha Afonso de Albuquerque e Francisco de Albuquerque à Índia em 1503, onde permanece dois anos, regressando a Portugal em 20 de junho ou 20 de julho de 1505. E' logo à chegada da Índia, muito provavelmente em agosto, que Duarte Pacheco Pereira começa a redação da sua obra.

(22). — Os únicos autores que se referem a esta tese de Lindolfo Gomes são Agostinho de Campos (**Glossário — de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa**, e também de atrocidades da nossa escrita atual Lisboa, 1938, págs. 119-122) e Vieira de Almeida (**Decadência do Império Português no Oriente**, na **História da Expansão Portuguesa no Mundo**, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300, e **Homens da Índia de Quinhentos**, Lisboa, 1955, págs. 89-93). Para Agostinho de Campos o erudito brasileiro teria encontrado a solução definitiva para o velho enigma. Vieira de Almeida é particularmente impressionado pela tese de Lindolfo Gomes, ainda que hesite entre esta e a de José Dentinho.

e 1481 (23), sendo freqüentíssimos nesta tradução italiana, nos capítulos referentes às **esmeraldas** (Livro XXXVII, Capítulos VI e VII), os empregos da forma italiana **smeraldo**. Vejamos a título de exemplo, os seguintes passos:

“Nerone vedeva le battaglie de gladiatori in uno **smeraldo**”.

“Et dicono che... a un liono di marmo furone facti gli occhi di **smeraldo**”.

“Scrive Juba che lo **smeraldo** el quale chiamano Colan si lega in Arabia ne gli ornamenti degli edificii a la pietra la quale in Egypto e chiamata Alabastrite”.

“Uno **smeraldo** lungo quattro gomiti & largo tre”.

“El Colosseo Serapi di **smeraldo** di nove gomiti”.

“La somma del colore e composta daria & di purpura & mancavi el verde dello **smeraldo**” (24).

As duas fontes mais importantes da obra de Duarte Pacheco Pereira estão assim na origem do seu título. O **Esmeraldo**

-
- (23). — *Historia Naturale* di C. Plinio Secondo, tradotta di lingua latina in fiorentina per Christophoro Landino Fiorentino al Serenissimo Ferdinando Re di Napoli, Venetiis, 1476; *Naturale historia* di G. Plinio Secondo, tradotta in lingua fiorentina per Christophoro Landino, Venetiis, 1481. Ver a demonstração de que Duarte Pacheco Pereira se serviu desta tradução italiana da obra de Plínio na redação do seu *Esmeraldo de situ orbis*, nos nossos trabalhos: “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), no prelo; L’“*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes, em preparação. Também já a este assunto nos referimos, nas seguintes publicações: Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda, no Diário de Lisboa de 17 e 19 de julho de 1961; Um inédito de Duarte Pacheco Pereira, no Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume II, n.º 4, Lisboa, outubro-dezembro de 1961; “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), in *Positions des Thèses de Troisième Cycle soutenues devant la Faculté en 1960 et 1961*, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris, Presses Universitaires de France, Paris, 1962; *Esmeraldo de situ orbis*, no Dicionário de História de Portugal dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963; As fontes de Duarte Pacheco Pereira no “*Esmeraldo de situ orbis*” (Breve apontamento), in *Publicaciones del Curso Hispano-Portugues de Orense*, 1963. — Quando dizemos que o Livro XXXVII da obra de Plínio contém vários capítulos dedicados às esmeraldas, referimo-nos às edições modernas, como a de Littré (*Histoire Naturelle... avec la traduction en français* par M. E. Littré, 2 Volumes, Paris, 1848-1850), onde se podem ver, pelo menos, quatro capítulos sobre o assunto: Capítulos 16, 17, 18, 19. Nas edições antigas, sejam latinas, sejam as italianas de Landino, a divisão da obra em capítulos é completamente diferente, e por isso só dois capítulos, o VI e VII do Livro XXXVII, se ocupam do assunto.

- (24). — São nossos os sublinhados da palavra **smeraldo**.

de situ orbis é pois o **De Situ Orbis** de Pacheco, o **De Situ Orbis** dos tempos modernos, destinado a substituir o **De Situ Orbis** da antigüidade, o de Pompônio Mela .

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.